

Quercus: “Não basta ambicionar para conseguir resultados, é preciso tomar medidas concretas e corajosas”

10 de Dezembro, 2019

A Quercus apelou hoje para que Portugal torne rapidamente realidade nacional a ambição em termos de política climática que tem manifestado internacionalmente. “Não basta ambicionar para conseguir resultados, é preciso tomar medidas concretas e corajosas que podem ser pouco apreciadas no início, mas que contribuirão, num futuro próximo, para a descarbonização, independência energética, sustentabilidade ambiental e financeira do país”, diz a associação, em comunicado.

A posição surge a propósito da divulgação, na cimeira sobre o clima que decorre em Madrid, do chamado [“Climate Change Performance Index2020”](#), segundo o qual Portugal caiu oito posições, estando agora na 25.^a e passando de uma posição alta para uma posição média. No entanto, Portugal é o melhor classificado nas políticas climáticas.

A avaliação, divulgada na conferência das Nações Unidas sobre alterações climáticas, é da responsabilidade da associação de defesa do ambiente alemã Germanwatch, do NewClimate Institute e da Rede Europeia para a Ação Climática.

A Quercus nota, no comunicado, que embora a posição corresponda ao 22.^o lugar, porque os primeiros três lugares do pódio permanecem vazios por ainda nenhum país se encontrar num caminho compatível com as metas do Acordo de Paris, “esta é a pior classificação de sempre” para o país.

A nível global o documento também refere que o consumo de carvão está a decrescer e que continuam a aumentar as energias renováveis.

A União Europeia, enquanto bloco de países (representa 09% das emissões globais), desceu seis posições desde o ano passado. No comunicado a Quercus diz que “é crucial a implementação de uma estratégia de longo prazo para alcançar a neutralidade climática até 2050”, e nota que embora a maioria dos países classificados com desempenho elevado pertençam à UE (oito), há outros oito com desempenho baixo e dois muito baixo (Bulgária e Polónia).

O CPI, Índice de Desempenho das Alterações Climáticas, pretende colocar pressão política e social sobre os países que não tomaram medidas ambiciosas para proteção climática e destacar os que têm melhores práticas. Avaliou 57 países e a União Europeia, que no total são responsáveis por mais de 90% das emissões de gases de efeito de estufa.

Na análise do Índice outra organização ambientalista, a Zero, nota que a queda na lista foi amplificada pelos efeitos das alterações climáticas (incêndios e secas). E salienta que comparativamente com Espanha o país está

nove lugares acima (Espanha na posição 34).

“A revisão recentemente operada da política florestal é considerada um elemento fundamental para o futuro, mas ainda uma incógnita no que respeita aos resultados efetivos. Os especialistas elogiam Portugal por defender ações climáticas ambiciosas, a nível nacional e da União Europeia no que respeita às metas de 2030 e 2050. A intenção de Portugal continuar a viabilizar o início da exploração de gás natural na região de Leiria é um aspeto negativo infelizmente ainda a ser considerado”, refere a Zero, em comunicado.

Lembrando que os países com pior classificação são os Estados Unidos, a Arábia Saudita e a Austrália, a Zero diz que a avaliação mostra que os grandes poluidores climáticos “dificilmente fazem alguma coisa pela mudança transformacional necessária para reduções profundas de emissões para evitar alterações climáticas potencialmente irreversíveis”.

E deixa ainda outra nota: “Se se considerasse no índice o financiamento climático e o apoio a perdas e danos pelas nações mais ricas aos países mais pobres, os vários países europeus de escalão alto teriam um desempenho muito menor nas suas pontuações”.